



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 7, número 3, set.-dez. 2018

A ORDENAÇÃO NÃO CANÔNICA DE CONSTITUINTES E A EXPRESSÃO DE TÓPICO EM PORTUGUÊS: O CASO ESPECÍFICO DO ALÇAMENTO DE CONSTITUINTES ARGUMENTAIS



THE NON-CANONICAL ORDENATION OF CONSTITUENTS AND THE TOPICAL EXPRESSION IN PORTUGUESE: THE SPECIFIC CASE OF THE RAISING OF ARGUMENTAL CONSTITUENTS

Gustavo da Silva ANDRADE
Universidade Estadual Paulista, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 10/10/2018 • APROVADO EM 15/01/2019

Resumo

A linearização de constituintes, no plano de morfossintático, é um reflexo de expedientes interpessoais e representacionais. O Alçamento de constituintes argumentais não pode ser compreendido como mero ajuste morfossintático. Assumimos, portanto, que trata de fenômeno de ordenação não-canônica dos constituintes dentro da oração, responsável por codificar a informação interpessoal de topicalização, à luz da análise proposta pela Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008; GARCÍA VELASCO, 2013). Interessa-nos dois tipos de Alçamento, identificados como os mais recorrentes no português brasileiro (PB):

o Alçamento de Sujeito a Sujeito (ASS) e o Alçamento de Objeto a Sujeito (AOS). Para tanto, cruzaremos parâmetros morfossintáticos, semânticos e pragmáticos, em dados extraídos de amostras do português falado no interior paulista (GONÇALVES, 2007). À guisa de conclusão, propomos que uma caracterização puramente morfossintática do Alçamento não é suficiente para seu estudo, sendo, pois, necessário utilizar expedientes discursivos e pragmáticos, a fim de uma descrição mais condizente com uma abordagem funcional das estruturas da língua.

Abstract

The linearization of constituents in the morphosyntactic plane is a reflection of interpersonal and representational processes. Raising of argumental constituents can't be understood as a mere morphosyntactic adjustment. We assume, therefore, that it deals with a phenomenon of non-canonical ordering of the constituents within the sentence, responsible for coding the interpersonal information of topicalization, in the light of the analysis proposed by the Functional Discourse Grammar (HENGEVELD, MACKENZIE, 2008; GARCÍA VELASCO, 2013). We are interested in two types of Allocation, identified as the most recurrent in Brazilian Portuguese (PB): Subject-to-Subject Raising (SSR) and Object-to-Subject Raising (OSR). To do so, we will cross morphosyntactic, semantic and pragmatic parameters, in data extracted from samples of Portuguese spoken in the interior of São Paulo (GONÇALVES, 2007). To conclude, we propose that a purely morphosyntactic characterization of the raising is not enough for its study, so it is necessary to use discursive and pragmatic records, in order to describe it more appropriately with a functional approach to language structures.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Alçamento. Gramática Discursivo-Funcional. Alçamento a Sujeito. Ordenação de Constituintes. Topicalidade.

KEYWORDS: Two Raising. Functional Discourse Grammar. Subject Raising. Order of Constituents. Topicality.

Texto integral

Considerações Iniciais

Dentre os vários fenômenos que tomam lugar junto às orações completivas, aqui entendidas como casos estritos de subordinação sentencial, a codificação de constituintes argumentais da oração subordinada, nos limites do predicado da oração matriz, talvez, seja um dos mais intrigantes. Esse fenômeno é, comumente, referido na literatura como *Alçamento*. Em (1) e (2), exemplificamos os dois tipos de Alçamento de interesse neste artigo¹.

(1) Alçamento de Sujeito a Sujeito (ASS)

- a. *o cara num parece [tê(r) setenta anos de idade] (AI-005)*
(= o cara ter setenta anos)
- b. *atrapalha muito ... o namoro é difícil [pra andá(r) pra frente né?] (AC-046)*
(= o namoro andar pra frente)

(2) Alçamento de Objeto a Sujeito (AOS)

- a. *eu dobro toalha tam(b)ém ... toalha é compliCAdo pa caramba pa dobrá(r) (AC-016)*
(= eu dobrar toalha)
- b. *ele saiu [da prisão]... o serviço é difícil [arranjá(r)] mas conseguiu um servicinho lá (AC-071)*
(= ele arranjar o serviço)

As construções em (1) e (2) apresentam casos prototípicos de alçamento. Em todas as construções, algum SN é codificado como argumento do predicado matriz, a saber: *parecer*, *difícil*, *complicado* e *difícil*, respectivamente em (1a,b e 2a,b). Contudo, esses SNs mantêm sua relação semântica com o predicado encaixado. Percebemos, dessa forma, que o alçamento não é um fenômeno puramente morfossintático, como tem apontado a literatura gerativo-transformacional atual (cf. KATO; MIOTO, 2000; MARTINS; NUNES, 2005; HENRIQUES, 2008).

O plano sintático codifica, por meio da ordenação dos constituintes (argumentais ou não), as relações e as funções interpessoais e representacionais da linguagem (DIK, 1997a). Assim, a linearização é uma operação morfossintática, cujo objetivo é expressar, sintaticamente, expedientes pragmáticos e semânticos. Nesse ensejo, há relação inequívoca entre a ordenação de constituintes e a expressão superficial que, em maior ou menor grau, codifica as relações subjacentes da linguagem. A ordenação não é uma propriedade da estrutura profunda. Por essa razão, as estruturas subjacentes das orações não diferem no princípio geral de ordenação, sendo possível identificar parâmetros gerais e aplicáveis a todas as línguas.

Pragmaticamente, Andrade (2016) assinala a marcação de tópico como a motivação para a ocorrência de constituintes argumentais em domínio descontínuo. Significa afirmar que uma parte do discurso multiproposicional é tomada como mais relevante pelo Falante, que a assinala em posição privilegiada do conteúdo comunicado. Dik (1989) considera o Tópico como um conceito discursivo, pois qualquer discurso, tomado no sentido mais amplo de texto coerente, “fala” necessariamente a respeito de entidades. A função Tópico apresenta, então, a entidade sobre a qual se fala numa dada situação; em outras palavras, na predicação nós dizemos alguma coisa sobre o Tópico.

Assumimos, neste trabalho, a posição de que o Alçamento é um fenômeno pragmático que interfere na codificação morfosintática dos enunciados. Portanto, o constituinte alvo do alçamento é um constituinte tópico e detentor de determinadas propriedades, as quais serão descritas neste trabalho.

Para a investigação empírica do fenômeno, recorreremos a amostras de fala do Banco de Dados IBORUNA (GONÇALVES, 2007), um banco de dados de médio porte, com pouco mais de um milhão de palavras e que registra a variedade do português falado no interior paulista, por meio de uma amostra do censo linguístico de parte da região noroeste do estado de São Paulo e de uma amostra de interação, gravada secretamente em contextos de interação social livres, sem qualquer controle de variantes sociais.

Explicitados, nesta parte introdutória, os objetivos do trabalho e seu aparato metodológico, o presente artigo estrutura-se de modo a apresentar, na primeira seção, uma caracterização geral do alçamento, partindo da distinção entre predicados de alçamento e predicados de controle, para, em seguida, apresentarmos as formas de manifestação do fenômeno no PB. A segunda seção versa acerca dos princípios teóricos da Gramática Discursivo-Funcional, a fim de justificar a análise interpessoal do fenômeno. A terceira e a quarta seções apresentam, respectivamente, os métodos utilizados e os resultados. Por fim, trazemos nossas conclusões e as referências utilizadas.

1. Alçamento a Sujeito

Na literatura, a caracterização do Alçamento parte sempre da diferenciação entre os *predicados de controle* e os *predicados de alçamento*. Esses dois tipos de predicados podem instanciar estruturas superficiais idênticas, como mostram (3a) e (4a), mas motivadas por fenômenos diferentes. Enquanto predicados de controle instanciam o fenômeno chamado de *Equi-deletion*; predicados de alçamento propiciam o fenômeno identificado como *Alçamento*.

(3) Predicado de controle	(4) Predicado de alçamento
<i>Equi-deletion</i> : Apagamento (<i>deletion</i>) de sujeito da subordinada idêntico (<i>equi</i>) ao da matriz.	<i>Alçamento</i> : Sujeito da subordinada ocorre no (é alçado para o) domínio da oração matriz.
Seleciona complemento infinitivo e argumento externo (posição de sujeito superficial da matriz)	Seleciona complemento infinitivo, mas não argumento externo (posição de sujeito da matriz é livre)

Restrições semânticas sobre o sujeito

→ imposta pelo predicado matriz

- a. João *quer* [morar na Bahia]
 b. *O livro *quer* [morar na Bahia]
 c. *O livro *quer* [ter sido *comprado* na Bahia]

→ imposta pelo predicado encaixado

- a. João *parece* [*morar* na Bahia]
 b. *O livro *parece* [*morar* na Bahia]
 c. O livro *parece* [ter sido *comprado* Bahia]

Ajustes morfossintáticos

→ sujeitos correferentes: oração infinitiva

- d. João *quer* [\emptyset_i *morar* na Bahia]
 e. *João_i *quer* [\emptyset_i *more* na Bahia]
 f. João *quer* [que Maria *more* na Bahia]
 g. *João *quer* [*Maria* *morar* na Bahia]

→ sujeitos correferentes: oração infinitiva/finita (PB)

- d. João *parece* [\emptyset_i *morar* na Bahia]
 e. João_i *parece* [que \emptyset_i *mora* na Bahia]
 f. *João *parece* [que Maria *mora* na Bahia]
 g. *João *parece* [*Maria* *morar* na Bahia]

→ Relação de caso e concordância

- h. *Os alunos parecem* [estudar muito]

Na literatura gerativista, *predicados de controle* caracterizam-se por selecionar complemento oracional infinitivo e argumento externo, que ocorre na posição de sujeito superficial da oração matriz. O sujeito da oração matriz controla o da subordinada (é correferente) e, por isso, é apagado. *Predicados de alçamento*, por sua vez, selecionam complemento infinitivo, mas não selecionam argumento externo, permanecendo livre sua posição de sujeito, para onde é alçado um constituinte argumental, que não pode receber Caso nominativo do verbo infinitivo

encaixado, nem Caso acusativo do verbo matriz, que não tem esse caso disponível devido a suas propriedades inacusativas.

Do contraste entre o conjunto de sentenças em (3) e (4), observamos que, apesar de tratar-se de orações complexas estruturalmente semelhantes, as motivações para o reconhecimento de cada uma partem de fenômenos, em princípio, diferenciados. Enquanto a *restrição de seleção* sobre o sujeito da oração matriz é imposta pelo predicado de controle, como mostram (3a, b, c), com predicados de alçamento, a restrição é imposta pelo predicado da oração encaixada, como mostram (4a, b, c).

A *identidade de referência* entre o sujeito da oração matriz e o da oração encaixada leva necessariamente predicados de controle a assumirem a oração encaixada na forma infinitiva, ao passo que, com predicados de alçamento, a expressão da oração encaixada na forma não finita não parece, ao menos no PB, ser uma decorrência necessária (sobre essa restrição voltarei mais adiante). Por fim, a exemplo de predicados de controle, predicados de alçamento desencadeiam na oração matriz relação de caso e de concordância com o constituinte alçado.

1.1. Abordagem funcional do fenômeno

Feita essa rápida distinção inicial, Noonan (2007) define alçamento como base apenas propriedades morfossintáticas.

[O Alçamento é o] [...] método através do qual argumentos podem ser removidos de suas predicções, resultando em estrutura de complementação de tipo não sentencial [*non-s-like*]. Esse método envolve a *colocação* de um argumento nocionalmente parte da proposição complemento (tipicamente o sujeito) em uma posição com relação gramatical (por exemplo, de sujeito ou de objeto direto) com o PTC [predicado que toma complemento]. Esse *movimento* de um argumento de uma sentença de nível mais baixo para uma de nível mais alto é chamado *alçamento*. (NOONAN, 2007 [1985], p.79, grifos acrescidos).

Dessa definição de Noonan (2007), não menos importante para uma caracterização funcionalista do alçamento é o emprego de termos como *colocação* [*placement*], *movimento* [*movement*] e, na identificação do próprio fenômeno, o termo *alçamento* [*raising*], em torno dos quais cabe uma discussão sobre o aproveitamento teórico desses termos para referir ao SN alçado.

Resumidamente, *colocação* e *movimento* parecem termos teoricamente incompatíveis como propriedades definitórias do fenômeno, porque *colocação* refere-se à posição que o constituinte assume no interior da oração, por razões sintáticas, semânticas e pragmáticas, como defendem autores da corrente funcionalista (cf. DIK, 1979; 1981; 1989), enquanto *movimento* refere-se à

operação de transformação sobre estrutura subjacente da oração, contraparte sem alçamento, nos termos como inicialmente o fenômeno foi descrito pelo aparato teórico da gramática gerativa (cf. POSTAL, 1974).

Assim, a diferença entre essas duas abordagens teóricas diz respeito, inicialmente, ao modo como cada uma concebe a origem do constituinte alçado: como resultante de movimentos do constituinte de uma posição hierarquicamente mais baixa para uma mais alta na sentença, como postulam os gerativistas, ou como resultado de motivações pragmáticas, que levam os constituintes a assumirem a posição que ocupam na estrutura da oração, como postulam os funcionalistas, posição que assumimos neste trabalho. Apesar dessa diferença de partida, ambas as correntes empregam o mesmo termo *Alçamento* [*raising*] para a identificação do fenômeno, entretanto, não se deve entender, por isso, que a perspectiva funcionalista assume a existência de regras de transformação de uma configuração básica em outra derivada, como mostram os esclarecimentos de autores da GDF.

Eu empregarei dois termos ‘alçamento’ e ‘deslocamento’ por razão de conveniência, mas, como deve ser óbvio, no presente contexto [da Gramática Discursivo-funcional], isso não significa que uma análise de movimento seja o caso (GARCIA VELASCO, 2013, p. 250).

Observe que, embora usemos o termo tradicional ‘raising’ [alçamento] aqui, não queremos sugerir que o fenômeno envolve a transformação de uma configuração básica em outra derivada (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 368).

Como já mostrou Langacker (1995), em termos funcionais, é a saliência cognitiva de uma cena ou de um de seus participantes que explica construções com e sem alçamento, e não a simples natureza “gramatical lógica” entre um predicado e seus argumentos, como parecer estar pressuposto na definição de Noonan (2007 [1985]), e nas explicações de cunho formalista.

A gramática Cognitiva assume que é errônea a noção de estrutura subjacente no sentido gerativo, e que as relações de sujeito e de objeto são primeiramente uma questão de proeminência, não de qualquer conteúdo conceptual específico (lógico ou não). Um sujeito é caracterizado como um trajector [*trajector*] de nível oracional, i.e., a figura principal na relação emoldurada, e um objeto, como um ponto de referência [*landmark*] de nível oracional (figura secundária). Prototipicamente, o sujeito é um agente e o objeto, um paciente, mas não há nenhum papel semântico específico ou conteúdo conceptual que um sujeito ou um objeto tenha de assumir. O estatuto de trajector e de ponto de referência é mais bem considerado como a proeminência focal que

pode ser direcionada para qualquer entidade dentro de uma cena. Certos elementos exercem uma atração natural deste status de destaque; notadamente, um agente – ser animado e fonte inicial de energia – tem saliência cognitiva e tende a atrair mais fortemente para si esse status. Essa tendência, entretanto, pode ser anulada, particularmente por razões discursivas. [No caso de alçamento de sujeito a sujeito, como em *Don is likely to leave*] De fato, esse participante se assemelhará a um sujeito prototípico mais do que um processo ou uma proposição (LANGACKER, 1995, p. 24).

Assim, de acordo com Langacker (1995), a construção de uma sentença com ou sem alçamento depende do modo específico como o falante escolhe estruturar sua conceptualização de uma cena para fins expressivos. Se nenhum participante é particularmente saliente, a localização abstrata da cena é a escolhida, e essa configuração corresponde à construção sem alçamento. Se qualquer participante da cena descrita na oração completiva ocorre como sujeito da oração principal é por causa de sua saliência, e a essa escolha corresponde a variante com alçamento.

Voltando à definição de Noonan (2007 [1985]), é possível extrair dela alguns aspectos relevantes para a caracterização do alçamento. Primeiramente, o constituinte alçado é semanticamente parte de uma oração completiva, i.e., é um constituinte argumental do predicado encaixado, e, não, do predicado matriz. Segundo, o alçamento é um fenômeno que afeta, tipicamente (mas, não somente) o sujeito da oração encaixada, que, ao ser alçado, desenvolverá relações gramaticais com o predicado matriz, i.e., será seu sujeito ou seu objeto. Por fim, em terceiro lugar, após o alçamento, a oração complemento assume a forma reduzida (infinitiva), tornando-se uma *non-sentence-like*, i.e., se dessentencializando.

Em (5) seguem algumas implicações decorrentes desses aspectos relevantes da definição de alçamento.

(5) **Implicações dos aspectos relevantes do alçamento** (GARCIA VELASCO, 2013)

(i) a primeira delas é que o alçamento seria uma discrepância entre Sintaxe e Semântica: as relações semânticas mantêm-se, porém, suas relações sintáticas são alteradas, o que levaria a um desalinhamento entre funções de nível representacional (semântica) e funções de nível morfossintático.

(ii) uma segunda implicação refere-se aos ajustes morfossintáticos decorrentes do alçamento, quais sejam: relação de concordância e atribuição de caso morfológico (nas línguas que o requerem) envolvendo o constituinte alçado e o predicado matriz, e a expressão infinitiva da oração encaixada.

(iii) uma terceira implicação envolve o reconhecimento de construções variantes com e sem alçamento: excluem-se do fenômeno casos em que não haja a

contraparte não alçada do par, como ocorre, em PB, construções com o verbo *acreditar*, como mostrado no contraste em (6):

(6) Reconhecimento de variantes com e sem alçamento (ASO)

- a. João acredita que [Maria está grávida]
 a'. ? João acredita *Maria* [estar grávida] / * João *a* acredita [estar grávida].

(portanto, *acreditar* não é predicado de alçamento)

Deve ter ficado claro até aqui que os tipos de alçamento possíveis nas línguas naturais decorrem da relação entre a função de S e O do constituinte no interior da oração encaixada e a posição em que ele ocorre na oração matriz. É dessa relação que, na literatura, são reconhecidos os quatro tipos principais de alçamento, como mostrado de (7) a (10).

(7) Inglês: Alçamento de Sujeito a Sujeito (ASS) (NOONAN, 2007, p.81)

- a. It seems [that *Boris* dislikes vodka]
 'Parece que Boris não gosta de vodca'
 b. *Boris* seems [to dislike vodka]
 'Boris parece não gostar de vodca'

(8) Inglês: Alçamento de Objeto a Sujeito (AOS) (NOONAN, 2007, p.81)

- a. It's tough for Norm [to beat *Herb*]
 'É difícil (para) Norm vencer Herb'
 b. *Herb* is tough [for Norm to beat]
 'Herb é difícil (para/de) Norm vencer'

(9) Inglês: Alçamento de Sujeito a Objeto (AOS) (NOONAN, 2007, p.79)

- a. Irv believes *Harriet* is a secret agent
 Lit.: 'Irv acredita que Harriet é um agente secreto'
 b. Irv believes *her* to be a secret agent
 Lit.: ? 'Irv a acredita [ser um agente secreto]

(10)² Irlandês: Alçamento de Objeto a Objeto (A00) (NOONAN, 2007, p.82)

- a. Is ionadh liom *é* [a fheiceáil Sheáin anseo]
 COP surpresa com.me lo [COMP ver.NZN John.GEN aqui]
 'É uma surpresa para mim que ele tenha visto John aqui'
 b. Is ionadh liom *Seán* [a fheiceáil anseo]
 COP surpresa com.me John [COMP ver.NZN aqui]
 'É surpresa para mim (ele) ver John aqui'

Em (10a), *é* (=lo) é sujeito da completiva nominalizada, mas ocorre na posição de objeto na matriz. Por ser correferente ao objeto da nominalização *Sheáin*, em (10b), *é* é deletado, e o objeto da nominalização passa a ocupar a posição de objeto do predicado matriz *ionadh*. Segundo Noonan (2007), nesses casos em que há *equi-deletion* e a oração complemento vem com um termo nominalizado, é obrigatório o alçamento em irlandês.

Pelos exemplos oferecidos pelo autor, já é possível observar que, intralinguisticamente, nem todos os tipos de alçamento são produtivos ou mesmo atestados, como é o caso de AOO para o inglês (NOONAN, 2007, p.81). Complementarmente ao trabalho de Noonan, Serdobol'skaya (2008) aponta que, nas línguas naturais, não somente S e O estão sujeitos ao fenômeno de alçamento, também objetos indiretos e outros constituintes não argumentais.

Observe-se, por último, que, apesar do trabalho tipológico de Noonan (2007) ter um forte apelo funcionalista na descrição geral da subordinação, no tocante ao alçamento, ele não destaca propriedades de ordem semântica e pragmática intervenientes no fenômeno. Não diferentemente do princípio de saliência cognitiva de Langacker (1995), Givón (2001a, p. 13) aponta que a *topicalidade*, um dos subsistemas gramaticais orientados para o discurso, explica a codificação de SN como sujeito (tópico primário) ou como objeto (tópico secundário) e está relacionada com dois aspectos da coerência referencial: a *acessibilidade do referente* e sua *importância temática*. São esses dois mecanismos que restringem as escolhas gramaticais usadas na codificação da estrutura morfossintática, o que reflete o caráter pragmático e discursivo tanto de simples casos de topicalização como também de alçamento. Para Givón (2001b, p. 272), a ocorrência do alçamento está relacionada à presença de verbo de atividade mental com argumento proposicional. Dentro do argumento proposicional, um SN é dado como tópico, normalmente, o sujeito, e, pela sua importância, é alçado da posição de argumento tópico da subordinada para argumento (sujeito ou objeto) da principal.

2. Gramática Discursivo-Funcional

A GDF é uma teoria funcionalista, de base tipológica, da estrutura gramatical das línguas naturais, cuja preocupação é explicar as estruturas morfossintáticas e fonológicas das línguas, considerando que cada estrutura é determinada por fatores pragmáticos e semânticos. Assim, a GDF seria um dos componentes de uma teoria mais ampla da interação verbal, composta pelo (i) Componente Gramatical, a GDF; (ii) o Componente Conceitual (responsável pela intenção comunicativa e os *scripts* e os *frames* mentais); (iii) o Componente Contextual (no qual se encontram as informações mediatas e imediatas) e (iv) o Componente de Expressão (cuja função é expressar via oral ou escrita a informação gramatical). Esses três componentes interagem com o Componente Gramatical para a produção de enunciados nas línguas.

A GDF apresenta uma estrutura linguística *top-down*, que parte da intenção comunicativa para a codificação morfossintática e fonológica. Para Hengeveld e Mackenzie (2008), a psicolinguística tem mostrado que a produção (formulação) linguística é um processo que começa na intenção do Falante, em nível pré-linguístico, e termina na expressão do enunciado, passando pela codificação.

Nessa forma de organização, reconhecem-se duas operações maiores: a formulação e a codificação. Por tratar das regras de representações pragmáticas e semânticas de uma língua, a formulação é um processo inicial, que segue o momento pré-linguístico. A codificação, por sua vez, converte as informações oriundas da formulação em informações morfossintáticas e fonológicas. Já se pode adiantar que a formulação está relacionada aos níveis interpessoal e representacional, ao passo que a codificação se relaciona aos níveis morfossintático e fonológico (NM e NF, de agora em diante), responsáveis pela codificação das informações pragmáticas e semânticas. Assim, aplicam-se processos próprios a cada operação: na formulação, aplicam-se (i) a seleção de *frames* apropriados dos níveis interpessoal (NI, de agora em diante) e representacional (NR, de agora em diante); (ii) aos quais serão inseridos os lexemas apropriados; assim como (iii) a aplicação de operadores simbólicos das distinções gramaticais, requeridas pelas línguas; e na codificação, (i) a seleção de *templates* apropriados nos NM e NF; (ii) aos quais serão inseridos morfemas; (iii) seguidos das aplicações de operações que desempenham um papel na articulação da expressão.

Por assumir um processo de produção de enunciados a partir da formulação em direção à codificação (de ordem morfossintática e fonológica), a GDF é uma teoria que reproduz em sua estrutura a organização mental dos falantes. Nesse sentido, ao buscar compreender a estruturação das unidades linguísticas e das intenções comunicativas do Falante, considerando, para isso, o que é efetivamente expresso por meio da codificação, a GDF é uma teoria cuja implementação só pode ser dinâmica. Isso porque, considerar a GDF como módulos fragmentados que não interagem, faz com que se perca a inter-relação e a estruturação dos processos linguísticos. Considerar, portanto, que a *gramática* é um componente de uma teoria da interação verbal, implica em considerar bem mais do que palavras e/ou do que frases isoladas.

Nesse contexto, por assumir que vários fenômenos linguísticos não são passíveis de explicação apenas em nível sentencial, faz-se necessário que a GDF considere unidades maiores do que as orações, i.e., o discurso. Assim, um texto é uma ordenação coerente de orações e de sentenças, e de que essa coerência é estruturada por regras da linguagem, que determinam como as orações e as sentenças podem ser organizadas, explica o que é entendido como *discurso* (interação).

Para a GDF, o *discurso* é a forma como os enunciados são formados e organizados, identificando as regras que atuam nessa organização. Portanto, uma gramática orientada para o discurso busca explicações para classificar estruturas tidas como não-oracionais, i.e., *holófrases* (estruturas não-verbais). Essas estruturas são denominadas *atos discursivos*, as menores unidades identificáveis com um comportamento comunicativo. Tais atos discursivos são agrupados em

movimentos, i.e., as menores unidades livres do discurso, podendo ser composto por um único ou por vários atos discursivos.

Considera-se que essas unidades (atos discursivos) são descritas e organizadas em termos de quatro níveis de análise: dois para a formulação (os níveis Interpessoal e Representacional, para as análises pragmática e semântica, respectivamente) e dois para a codificação (os níveis Morfossintático e Fonológico). Se observarmos a figura 1, temos uma representação da organização geral da GDF.

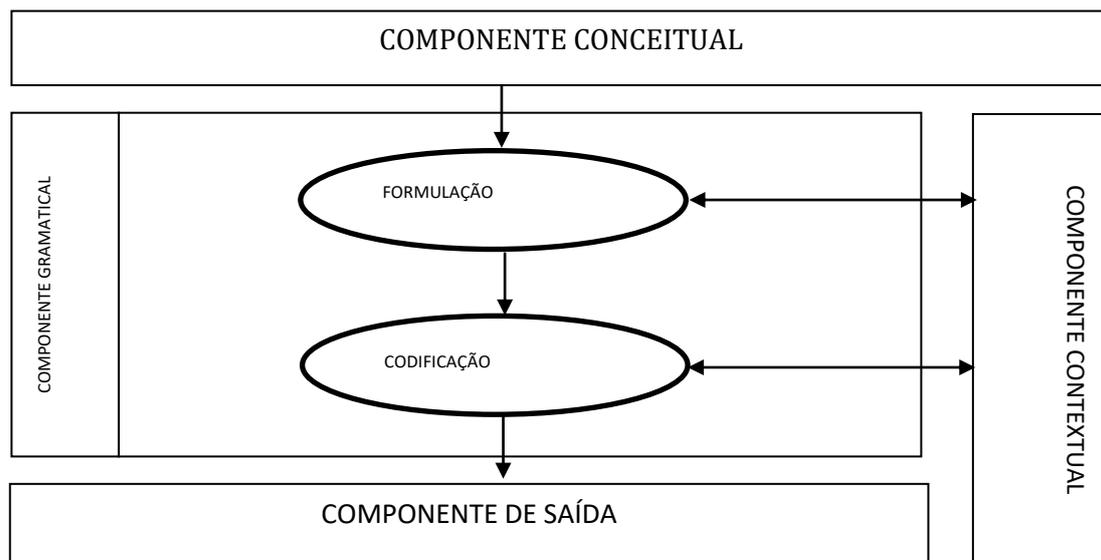


Figura 1: GDF como parte de uma teoria da interação verbal (Adaptado de Hengeveld e Mackenzie, 2008, p. 6).

Como já especificado, as operações de Formulação e de Codificação originam quatro níveis de análise: o NI, que corresponde à pragmática (as informações das funções dos enunciados dentro de um determinado contexto comunicativo); o NR, que corresponde à semântica (i.e., as informações das categorizações semânticas); o NM, à morfossintaxe, que se refere ao nível de codificação de informações advindas dos níveis de formulação; e o NF, que se refere ao processo de codificação fonológica, com vistas à expressão do enunciado (oral ou escrita).

Deve ficar claro que os quatro níveis da GDF são puramente linguísticos, o que significa considerar que somente fenômenos efetivamente expressos na gramática de uma língua são relevantes para a descrição linguística. Outro fator que deve ser destacado é quanto à presença de outros componentes que não o linguístico. Além dos níveis de representação, a GDF comporta as inter-relações

entre o componente gramatical e outros, a saber: (i) conceitual, (ii) contextual e (iii) de saída.

O componente conceitual é responsável pelos desenvolvimentos, por meio da formulação, da intenção comunicativa relevante para o evento de fala corrente e da associação de conceptualizações que se relacionam com o evento extralinguístico. Nesse sentido, pode-se afirmar que o componente conceitual é a força motriz para o componente gramatical. Quanto ao componente contextual, esse diz respeito às informações extralinguísticas que são relevantes para a Formulação e para a Codificação das expressões linguísticas. Ele é responsável por descrever os conteúdos e as formas discursivas e, de uma perspectiva mais atual, trata da localização espacial dos estado-de-coisas e das próprias relações sociais entre os participantes. Por fim, o componente de saída é responsável por converter o *output* do componente gramatical em expressões acústicas e ortográficas, bem como em sinais (e.g., Libras).

O componente conceitual é afetado apenas pela intenção comunicativa, o que significa dizer que mesmo que a cognição seja importante para a análise linguística, ela não age sobre este componente. O componente de saída é o final do processo. Dessa forma, é afetado por regras articulatórias, físicas, quando da conversão da informação de saída em expressão acústica; no que diz respeito à conversão em sinais, considera-se que esses devem ser capazes de expressar todas as articulações da fala; e, por fim, as conversões em expressão ortográfica, considera as próprias habilidades e regras ortográficas.

O componente contextual tem sido um dos grandes *problemas* teóricos para a GDF. Por tratar de muitos aspectos da situação sociocultural da interação verbal, acaba sendo de difícil descrição. O componente acaba por (i) abrigar informações imediatas do componente gramatical, que são relevantes para as formas que os enunciados subsequentes podem tomar (e.g., a topicalidade de um SN) ou por (ii) conter, a longo prazo, informações sobre a própria interação em curso, essas, relevantes para a modalidade de linguagem a ser utilizada e influenciando na Formulação e na Codificação dos enunciados. As características do componente contextual são refletidas, no componente gramatical, a partir das operações gramaticais, e refletem informações de gênero, de registro, de estilo, entre outras.

Como se pode ver na figura 2, o Componente Gramatical contém (i) três operações (representadas pelas figuras ovais) – Formulação, Codificação Morfossintática e Codificação Fonológica; (ii) três conjuntos de primitivos (representados pelos quadrados) usados nas operações; (iii) quatro níveis de representação (indicados pelos retângulos), que contêm as representações construídas pelas operações, isto é, os níveis Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico.

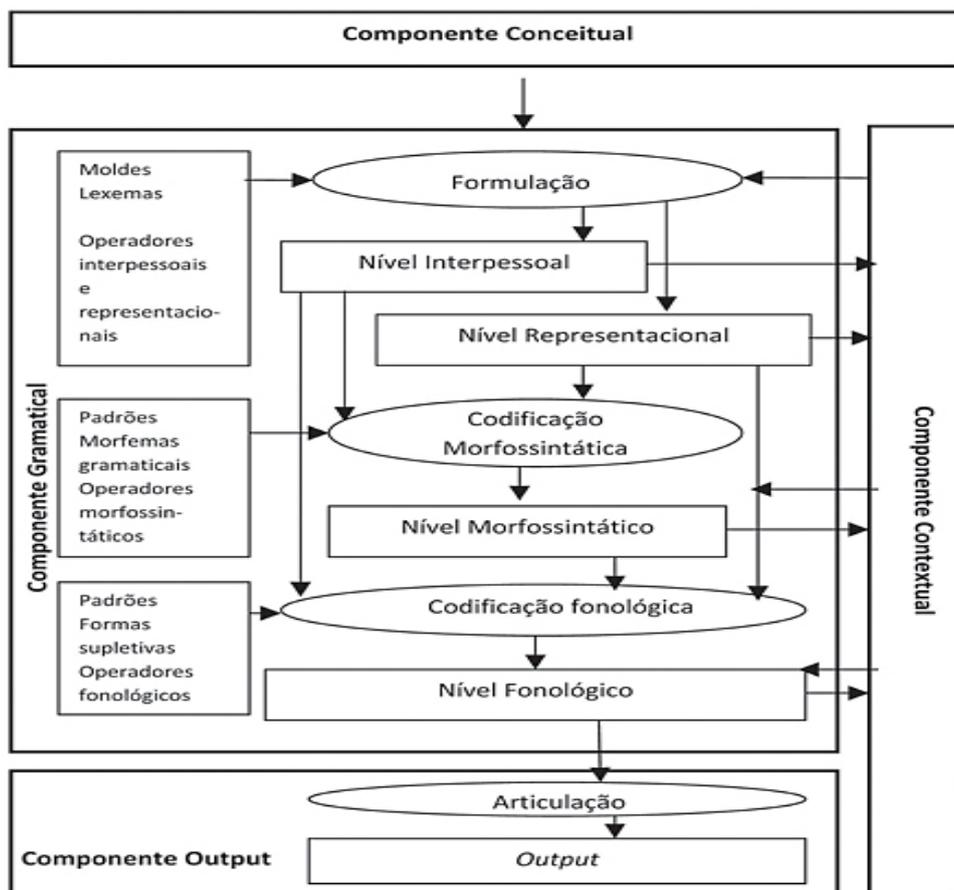


Figura 2: Esboço geral da GDF (adaptado de Hengeveld e Mackenzie, 2008, p. 13)

A GDF, como dito anteriormente, opera de cima para baixo: segue da intenção comunicativa do falante, elaborada no Componente Conceitual, à articulação, que ocorre dentro do Componente de Expressão. Especificamente, após a seleção da representação mental de uma intenção comunicativa, a **Formulação**, utilizando-se elementos do primeiro conjunto de primitivos, converte essas representações conceituais em representações pragmáticas e semânticas, que são inseridas nos níveis Interpessoal e Representacional, respectivamente. As operações de **Codificação** convertem essas configurações interpessoais e representacionais em representações morfossintáticas e fonológicas, inserindo-as nos níveis Morfossintático e Fonológico, respectivamente. O NF é o *input* para a operação de **Articulação**, que contém as regras fonéticas necessárias para a formação de um enunciado adequado. A articulação ocorre no Componente de Expressão, fora do Componente Gramatical.

Os vários níveis contidos na gramática alimentam o Componente Contextual, permitindo referência subsequente aos vários tipos de entidades relevantes em cada um desses níveis uma vez que são introduzidas no discurso. O Componente Contextual, por sua vez, alimenta as operações de **Formulação** e **Codificação**, e assim a disponibilidade de antecedentes pode influenciar a composição de enunciados subsequentes.

Em resumo, no Nível Interpessoal são descritos todos os aspectos pragmáticos de uma unidade linguística que são codificados na estrutura formal dessa unidade. No Nível Representacional, similarmente, são descritos todos os aspectos semânticos de uma unidade linguística que são codificados. O Nível Morfossintático é reservado para a descrição da estrutura morfossintática das unidades. Por fim, no Nível Fonológico, é feita a representação da estrutura fonológica das unidades linguísticas.

Cada um desses níveis é dividido internamente em camadas hierarquicamente organizadas. No Nível Interpessoal, a camada mais alta é a do *Move* (M), unidade definida como “uma contribuição autônoma para uma interação em curso” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 50), e que provoca uma reação linguística ou é, ela mesma, uma reação. Um *Move* é composto de um ou mais Atos Discursivos (A). O Ato Discursivo é “a menor unidade identificável de comportamento comunicativo” (KROON, 1995 *apud* HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 60). É composto por uma *Ilocução* (F) e por um participante, o Falante (P1_s), podendo conter ainda um segundo participante, o Ouvinte (P2_A), e um ou mais Conteúdos Comunicados (C). O Conteúdo Comunicado contém a totalidade do que o Falante deseja evocar em sua comunicação com o Ouvinte. Essa evocação ocorre por meio de *Subatos* que, por sua vez, se dividem em *Subatos de Referência* (R), que evocam um referente, e *Subatos de Atribuição* (T), que evocam uma propriedade. A estrutura completa do Nível Interpessoal é representada em (11).

$$(11) \quad (M_1: [(A_1: [(F_1) (P_1)_s (P_2)_A (C_1: [(T_1)_{\{\Phi\}} \dots (T_{1+N})_{\{\Phi\}} (R_1)_{\{\Phi\}} \dots (R_{1+N})_{\{\Phi\}}](C_1)_{\{\Phi\}}]) (A_1) \dots (A_{1+N})_{\{\Phi\}}] (M_1))$$

No Nível Representacional, a camada mais alta é a do Conteúdo Proposicional (p), unidade que diz respeito a construtos mentais (conhecimentos, crenças ou desejos). Conteúdos Proposicionais contêm Episódios (ep), que são conjuntos de Estados de Coisas tematicamente coerentes, no sentido de que apresentam unidade ou continuidade de tempo, de lugar e de indivíduos. Estados de Coisas (e) incluem eventos e estados e são caracterizados pelo fato de que podem ser localizados no tempo e podem ser avaliados em termos de sua realidade. Um Estado de Coisas é constituído por uma combinação de unidades semânticas que não estão em relação hierárquica entre si. Essas unidades semânticas podem ser de vários tipos: Propriedades Lexicais (f), Indivíduos (x), Lugar (l), Tempo (t), Maneira (m), Razão (r) e Quantidade (q). A estrutura completa do Nível Representacional é apresentada em (12).

$$(12) \quad (p_1: [(ep_1: [(e_1: [(f_1: [(f_2)^n (x_1)_{\Phi} \dots (x_{1+n})_{\Phi}] (f_1)) \dots (f_{1+n}) (e_1)_{\Phi}] \dots (e_{1+n})_{\{\Phi\}}](ep_1)) \dots (ep_{1+n})_{\{\Phi\}}] (p_1))$$

O Nível Morfossintático, exemplificado em (8), lida com os aspectos morfossintáticos das unidades linguísticas, sem fazer distinção entre aspectos

morfológicos ou sintáticos, pois na GDF se considera que os princípios usados na formação de palavras são os mesmos dos usados na formação de sintagmas ou orações. A camada mais alta desse nível é a da Expressão Linguística (Le), unidade que pode ser especificada por qualquer conjunto de, ao menos, uma unidade morfossintática, ou seja, uma Expressão Linguística pode ser composta de uma combinação de Palavras, Sintagmas ou Orações ou pode ser composta de apenas uma dessas unidades. Uma Oração (Cl) é um agrupamento de um ou mais Sintagmas (Xp) e possivelmente Palavras (Xw), podendo conter também outras Orações. Um Sintagma (Xp) consiste em uma combinação sequenciada de Palavras (Xw), contendo ainda, possivelmente, outros Sintagmas (Xp) e orações. Por fim, uma Palavra (Xw) pode ser constituída por um (ou mais de um) morfema. A estrutura completa do Nível Morfossintático é representada abaixo. A recursividade presente neste nível permite que cada uma das unidades apresentadas na camada da Expressão Linguística possa ocorrer mais de uma vez.

$$(13) \quad (Le_1: [(Xw_1) (Xp_1) (Cl_1: [(Xw_2) (Xp_2: [(Xw_3) (Xp_3) (Cl_3)] (Xp_2))_{\{\Phi\}}(Cl_2)_{\{\Phi\}}] (Cl_1))])_{(Le_1)}$$

No Nível Fonológico, a camada mais alta é a do Enunciado (U), unidade geralmente separada de outros Enunciados por pausas bem demarcadas. O Enunciado consiste em um ou mais Sintagmas Entoacionais (IP). O Sintagma Entoacional é descrito como contendo um núcleo, um movimento tonal, localizado em uma ou mais Sílabas, essencial para a interpretação do Sintagma Entoacional como um todo. Além disso, outra propriedade identificadora dessa unidade é o fato de ser separada de outros Sintagmas Entoacionais por uma pausa (mais breve do que a que ocorre entre Enunciados). O Sintagma Entoacional é composto de um ou mais Sintagmas Fonológicos. A caracterização de um Sintagma Fonológico (PP) depende do tipo de língua com que se está lidando. Em línguas acentuais, por exemplo, um Sintagma Fonológico é caracterizado por conter uma Sílabas que é mais fortemente acentuada (sílabas nuclear) do que as outras sílabas do Sintagma. Um Sintagma Fonológico geralmente contém uma ou mais Palavras Fonológicas (PW) que, por sua vez, podem ser analisadas em Sílabas (S) e em Pés (F). Esse nível, assim como o Nível Morfossintático, permite a recursividade em algumas camadas. Vejamos a organização em (14).

$$(14) \quad (U_1: [(IP_1: [(PP_1: [(PW_1)] (PP_1))] (IP_1))] (U_1))$$

Entre os níveis, há a possibilidade da existência ou não de alinhamento entre unidades, o que significa dizer que determinadas línguas são mais ou menos transparentes de acordo com esse alinhamento.

2.1. Funções Pragmáticas

Sob uma perspectiva funcionalista, entendemos o Tópico como uma das estratégias do Falante para cumprir sua intenção comunicativa. Por essa razão, na GDF, o Tópico está relacionado à *pragmática*, por constituir-se do modo como o Falante modela suas mensagens em relação às expectativas que tem do Destinatário. Isso determina as partes de uma unidade linguística que serão apresentadas como particularmente salientes, como ponto de partida do Falante e as que serão consideradas compartilhadas pelos participantes. A influência desses aspectos sobre a estrutura das unidades linguísticas recebe o nome de *função pragmática*, que se aplica ao Conteúdo Comunicado ou a Subatos.

2.2. Tópico

Hengeveld e Mackenzie (2008) definem o *Tópico* como a função pragmática atribuída a um constituinte, assinalando-o como o ponto a partir do qual o conteúdo comunicado construir-se-á gradualmente. Quando relevante em uma língua, a função de Tópico não é complementar à função de Foco, mas, sim, parte da dimensão Tópico-Comentário, fornecendo uma orientação específica para a estocagem da informação nova a ser apresentada (cf. HANNAY; MARTÍNEZ-CARO, 2008, p. 60).

Assumimos, portanto, que o Tópico é um reflexo linguístico de uma orientação dado ao Destinatário para que possa resgatar uma informação (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 92). Dessa maneira, Tópicos contêm informação que pode ser inferida do contexto ou que pode ser ativada na memória dos interlocutores. A função básica do Tópico é, então, relacionar o Conteúdo Comunicado a informações existentes no Componente Contextual.

Morfossintaticamente, o candidato mais natural a ser tópico é o Sujeito, independentemente do tipo de predicação, como exemplificam (15-18).

(15) **ele** fuma fuma fumava fuMAva muito (AC-001)

(16) **eu** tive a brilhante idéia de querê(r) comê(r) cachorro QUENte... (AC-001)

(17) **eu** tava lá em CamPInas (AC-001)

(18) aí meu Tlo... **ele** foi um po(u)co cínico né?... (AC-001)

No entanto, a função Tópico pode ainda ser atribuída a Subatos Referenciais que não desempenham a função de Sujeito. É o que exemplifica (19), em que a função Tópico é aplicada ao sintagma nominal não sujeito *essa bolsa*.

(19) *essa bolsa*_i as coisas somem aqui dentro \emptyset _i (PONTES, 1987, p. 13)

Essa função pode, inclusive, ser atribuída a um constituinte do sintagma nominal, caracterizando um caso de descontinuidade: o sintagma preposicionado em posição inicial serve como um modificador adverbial de limitação no nível da oração. O “fronteamento” deve-se à função tópica do Subato Referencial, mas o sintagma preposicional é, morfossintaticamente, integrado à oração e permanece no mesmo contorno entonacional do resto da oração, como demonstra (20).

(20) *Dessa cerveja*_i eu não bebo \emptyset _i (PONTES, 1987, p. 12)

Conforme propõem Hengeveld e Mackenzie (2008), a função Tópico pode ainda ser atribuída a Subatos que servem para indicar o cenário do Estado-de-coisas evocado, uma vez que o Componente Contextual contém também informações sobre as coordenadas espacial e temporal de ocorrência do Estado-de-coisas. É possível, também, a atribuição da função Tópico a Subatos que fornecem um tipo específico de orientação para o estoque de informação nova a ser apresentada (cf. HANNAY; MARTÍNEZ-CARO, 2008).

O português caracteriza-se ainda por permitir, com muita facilidade, a ocorrência de Tópicos Múltiplos, conforme propõem Hengeveld e Mackenzie (2008). Dessa forma, são possíveis construções que indicam tanto o cenário do Estado-de-coisas evocado quanto o indivíduo sobre o qual se constrói o comentário.

Essas várias possibilidades de atribuição de Tópico demonstram ser o português uma língua muito sensível a essa função pragmática. Isso nos permite afirmar que é uma língua orientada para o Tópico; em outros termos, o português se caracteriza como uma língua Categorical Tópico-orientada, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 101)³.

A atribuição de Tópico, em português, no entanto, não se restringe a Subatos Referenciais (entidades). Como observam Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 95), Subatos Atributivos, que, semanticamente, representam o predicado, podem também ser o ponto de partida da asserção, constituindo também uma estrutura bipartida.

2.3. Ordenação de constituintes

A função pragmática de Tópico está, intimamente, relacionada à ordenação dos constituintes. A linearização, à luz da GDF, é o reflexo no NM de decisões pragmáticas e semânticas assumidas nos NI e NR. Assim, o NM, por tratar dos aspectos estruturais da unidade linguística, tem como objetivo emergir a informação dos NI e NR no NF, fazendo com que, por sua vez, essa informação converta-se em informação fonética, *input* do Componente de Saída.

Assumimos, portanto, que a codificação morfossintática, a qual ocorre no NM, é funcionalmente motivada. Especificamente, os princípios de ordenação são motivados pelos princípios de Iconicidade, de Integridade de Domínio e de Estabilidade Funcional.

Em decorrência da organização descente da GDF, a linearização de constituintes dá-se, primeiramente, pelas partes, hierarquicamente, organizadas nos NI e NR, iniciando pelas camadas mais altas, passando pelas mais baixas até chegar ao conteúdo e moldes de predicação.

Para a GDF, hierárquico é o constituinte que se subordina a outro. Significa, pois, dizer que o constituinte subordinador pertence a camadas diferentes. A ordenação hierárquica, portanto, baseia-se em escopos e atribuem-se posições com fluxo descente a elementos hierarquicamente relacionados. Por sua vez, não hierárquicos são constituintes configuracionais, i.e., constituintes pertencentes à mesma camada e têm o mesmo estatuto dentro da oração.

Hengeveld e Mackenzie (2008) consideram a existência de três posições básicas, denominadas de P^I , para a posição inicial; de P^2 , que segue a inicial; de P^M , posição medial; e de P^F para a posição final, e várias posições relativas derivadas dessas três. As duas posições periféricas (P^I e P^F) são psicologicamente salientes, enquanto a posição medial é menos saliente e depende do número de constituintes que uma oração pode conter. As posições relativas (P^{I+n} , $P^{M+/-n}$ e P^{F-n}) só podem ser preenchidas quando a posição absoluta já estiver preenchida.

A linearização de constituintes em português é adequadamente explicada, considerando-se que a Oração pode dispor, dentre as quatro propostas pelos autores, de três posições – P^I , P^M e P^F – cada uma delas especializada para determinados tipos de constituintes. Assim, o português pode fazer uso da posição inicial (P^I) e suas expansões para a direita, da posição final (P^F) e suas expansões para a esquerda e da posição medial (P^M) e suas expansões para a direita, para a esquerda ou para ambas as direções, conforme representado a seguir.

(21)	P^I	P^{I+n}	P^{M-n}	P^M	P^{M+n}	P^{F-n}	P^F
------	-------	-----------	-----------	-------	-----------	-----------	-------

P^M e suas relativas são reservadas para constituintes não hierárquicos, enquanto posições periféricas são preenchidas por constituintes hierárquicos, que tomam por escopo a camada dos constituintes configuracionais. A ordenação dos constituintes não-hierárquicos processa-se com a colocação do predicado em P^M , seguida da colocação dos argumentos, dirigindo-se à direita e à esquerda.

Pontes (1987) afirma que o PB é uma língua de orientação tópica, retomando a classificação proposta por Li e Thompson (1976). Para os autores, haveria quatro tipos de línguas, a saber, (a) línguas com proeminência de sujeito, cuja estrutura das sentenças é descrita como de sujeito-predicado, e.g., as línguas indo-europeias; (b) línguas com proeminência de tópico, nas quais a estrutura das sentenças é descrita como sendo de tópico-comentário, como o caso do chinês moderno; (c) línguas com proeminência de tópico e de sujeito, em que coexistem as duas construções, como o japonês; e, por fim, (d) línguas sem proeminência de sujeito ou de tópico, em que o sujeito e o tópico se mesclam e não se distinguem mais os dois tipos, como o tagalog.

Dessa forma, por ser uma língua orientada para o Tópico, função que somente pode ser aplicada a Subatos Referenciais, os quais, morfossintaticamente, serão sujeitos ou não sujeitos, e a Subatos Atributivos, marca-se essa função pragmática pela colocação do Subato Tópico no início da oração, i.e., sempre em posições do domínio de P^I.

Em outros termos, a posição P^I e suas relativas abrigam o constituinte Tópico. Assim, o sujeito morfossintático ocupa a posição P^I quando a ele é atribuída essa função pragmática (22), reorganização do exemplo (18). Desse modo, constituintes configuracionais não sujeitos, quando Tópicos, assumem também a posição P^I, conforme (23), exemplo retirado de Pontes (1987, p. 12).

(22) P^I PM-2 PM-1 PM
 Ele foi um pouco cínico

(23) P^I PM-2 PM-1 PM
 Dessa cerveja eu não bebo

Métodos

Procedemos a uma investigação empírica do fenômeno de alçamento, por meio da análise de dados de amostras de fala do Projeto Amostra Linguística do Interior Paulista (ALIP), representativas do século XXI, compiladas no Bando de Dados Iboruna, composto de março de 2004 a setembro de 2007, abrangendo sete municípios da região noroeste, a saber: Bady Bassitt, Cedral, Guapiaçu, Ipiranga, Mirassol, Onda Verde e São José do Rio Preto. Para nossa análise, consideramos os dois tipos de amostras de fala disponíveis no banco de dados: (i) Amostra Censo (AC) e (ii) Amostra de Interação Dialógica (AI).

A rica literatura sobre o Alçamento de constituintes permitiu-nos levantar os seguintes critérios que nos parecem suficientes para o reconhecimento de construções passíveis de Alçamento.

- (i) Relação de complementação oracional entre um predicado matriz impessoal e uma oração encaixada, o que inclui somente casos de orações subjetivas;
- (ii) Algum ajuste morfossintático no novo domínio do constituinte alçado;
- (iii) Reconhecimento de uma contraparte sem alçamento equivalente;
- (iv) Oração encaixada na forma finita e não-finita;
- (v) Relação temática clara entre constituintes alçado e o predicado encaixado; e, por fim,
- (vi) Necessidade de o sujeito ou o objeto estar claramente expresso, não sendo aceitos casos de anáfora zero, mesmo que seus referentes sejam passíveis de ser recuperados contextualmente.

Sobre o parâmetro (iii), construções com contraparte sem alçamento serviram-nos apenas de parâmetro auxiliar para monitorar e testar dados efetivos de alçamento, e não fazem parte, portanto, de nossas análises.

Levantamos as ocorrências de Alçamento a Sujeito (ASS, de sujeito a sujeito, e AOS, de objeto a sujeito) com base na seleção dos predicados descritos em estudos sobre o Alçamento, tanto tipológicos, como não tipológicos (cf. ANDRADE, 2016). A partir dessa análise, identificamos os predicados mais frequentemente citados na literatura como instanciadores de construções de ASS (*parecer, demorar, custar, calhar e difícil*) e de construções com AOS (*difícil, fácil, impossível, complicado e simples*).

Em decorrência de nosso objetivo, tomamos como parâmetros de análise, aqui, apenas fatores discursivo-pragmáticos, a fim de identificar a topicalidade dos constituintes alçados, justificando sua codificação na P^I. Assumimos, assim, que um SN se caracteriza como tópico na medida em que é retomado e designado como tal em um número sucessivo de orações, i.e., dentro do discurso multiproposicional, um SN é tomado como tópico.

No processo de continuidade tópica, diversas estratégias são utilizadas, dentre elas a retomada pronominal e a descrição desse SN. Dessa forma, conceber um SN como relevante para o desenvolvimento do tópico implica em considerar as retomadas, independentemente das estratégias utilizadas. Consideraremos, portanto, que, quanto mais relevante para o desenvolvimento do tópico, maior chance um SN tem de ser alçado.

Outro parâmetro de análise diz respeito ao estatuto informacional do constituinte alçado. Teoricamente, os SNs empacotam a informação dada, nova ou inferível pelo contexto, levando-se em consideração o fluxo informacional. Chafe (1976) define o fluxo informacional como a forma utilizada pelo Falante para empacotar a informação, antes de apresentá-la ao Ouvinte. Essa organização tem recebido, entre outros nomes, os de “Dado/Novo” (CHAFE, 1976); “Dado/Novo” (HALLIDAY, 1994); Evocado/Inferível/Novo” (PRINCE, 1981). O Falante, ao estruturar sua fala, organiza as informações em unidades, denominadas de

Unidades Informacionais. Cada unidade apresenta um elemento “dado”, acompanhado de um elemento “novo”. Givón (2001a) afirma que em orações o sujeito tende a ser codificado como uma informação dada, portanto, já conhecida pelo Ouvinte, assumindo uma posição não marcada, ao passo que o objeto, em posição pós-verbal, assumiria o empacotamento de uma informação nova.

Chafe (1976), de uma perspectiva cognitiva, afirma que *informação dada* é aquela que o Falante supõe estar no foco de consciência do Ouvinte, enquanto *informação nova*, na sua memória de longo termo. Textualmente, Prince (1981) focaliza o estatuto informacional dos referentes em termos da organização textual, citando, para tanto, um modelo de discurso que contém entidades, atributos e laços entre as entidades (WEBBER, 1978 *apud* PRINCE, 1981, p. 235). Segundo a autora, as entidades são como ganchos, nos quais se penduram os atributos, sendo organizados em três tipos de informação: *Nova*, *Evocada* e *Inferível*. Entidade nova é aquela que o Falante introduz pela primeira vez no discurso, podendo ser completamente-nova, quando o falante entende que não há familiaridade por parte do Ouvinte e precisa explicitá-la completamente, ou não-usadas, quando o Falante supõe que seja conhecida pelo Ouvinte. As entidades completamente-novas subdividem-se em *ancoradas*, quando o SN faz referência a outra entidade já mencionada no texto precedente e *não-ancoradas*, quando não ocorre esta referência. Entidade evocada é aquela que já foi citada anteriormente no texto e pode se dividir em entidades textualmente evocadas e situacionalmente evocadas. Entidade inferível ocorre quando o referente do SN é pressuposto como identificável pelo Ouvinte, podendo ser inferível não-includora, deduzidas do texto a partir de outras entidades evocadas ou inferíveis, ou includora, representada por um SN contido dentro do SN que representa a entidade classificada como inferível includora.

Assumimos, aqui, a definição mais textual oriunda da taxonomia de Prince (1981). SNs com estatuto informacional *dado* são aqueles que retomam, textualmente, entidades já mencionadas no discurso multiprosposicional. O estatuto informacional *inferível* diz respeito aos SNs que podem ser retomados pelo contexto, estando ou não ancorados). Quanto aos SNs novos, são aqueles apresentados pela primeira no discurso, não tendo sido referenciados, muito menos sendo passíveis de identificação no contexto.

Levantadas as ocorrências, definimos padrões de alçamento, a partir do cruzamento de parâmetros acima descritos, os quais foram aplicados consistentemente a cada uma das ocorrências levantadas, por meio do programa *Goldvarb*.

Resultados

Os parâmetros discursivo-pragmáticos configuram-se como fundamentais na delimitação do SN alçado como tópico, justificando, portanto, sua codificação em P¹. Consideramos, portanto, fatores que abranjam mais do que a morfossintaxe, como tem sido feito na literatura. Portanto, os parâmetros discursivo-pragmáticos

configuram-se como uma proposta de verificar a funcionalidade do fenômeno na organização textual tópica. A relevância tópica do constituinte alçado é proposta aqui para ser verificada em função de seu estatuto informacional, como mostram os dados na tabela 1.

Tabela 1 – Tipos de alçamento e Estatuto informacional do constituinte alçado.

Estatuto informacional do constituinte alçado/Tipos de alçamento	ASS	AOS	Total
Dado	84,3% (27/32)	15,7% (5/32)	76,1% (32/42)
Inferível	70% (7/10)	30% (3/10)	23,9% (10/42)
Total	80% (34/42)	20% (8/42)	100% (42)

Observe-se, primeiramente, na tabela 1, que não ocorre, nos dados levantados, constituinte alçado portador de informação nova, apenas de informação dada (76,1% = 32/42) ou, no máximo, inferível (23,9% = 10/42). Tanto no ASS (79,4% = 27/34) quanto no AOS (62,5% = 5/8) prevalecem constituintes portadores de informação dada. Em (24) e (25), seguem ocorrências de cada fator do estatuto informacional do constituinte alçado por tipo de alçamento. Os constituintes sublinhados ao longo do discurso constituem pistas para avaliação estatuto informacional como dado ou como inferível.

(24) **ASS**

a. Com constituinte alçado portador de informação dada

Inf.: NÃO num é que é ruim né? é que os alu/ acho que é porque:... o::/ acho que os professor deve tá cansa::do sei lá os aluno num:::/... num colabora tam(b)ém né? os aluno de manhã assim né?... todo mundo tá despertan(d)o né?... os professor tá até com vont/ tá até com vontade de dá(r) uns grito né?... agora à noite é difícil o professor querê(r) gritá::(r) né? que já tá cansa::do é difícil o professor querê(r) controlá(r) a sa::la né? que irrita... tem professor que controla até só que tem professor que não né?... (só) tem um professor lá que:: todo mundo fica quieto na sala... tem professor que::... todo mundo fica bagunçan(d)o né?... e:: à noite acho que todo mundo tá cansa::do né?... que é muit/ muito difícil encontrá(r) alguém que trabalha de noite que num est/ que estuda de noite e num trabalha na parte do dia né?... e à noite éh::... acho que::... tudo::/ os professor também tá meio cansa::do eu acho que::... eu num sei né?... eu

a::cho que é:: por isso né? que os professor tá meio cansado e o::... de manhã... os professor po éh::... *parece que pre*Para tudo né? acho que eles dá/ acho que eles se dedica mais no:: período de maNHÃ... de TARde do que nos período da noite... porque:: os alunos tam(b)ém num dão muito interesse no período da noite... os aluno eles eles num se interessa né? que é difícil alguém se interessá(r) por:: por estudo né?
(AC-015)

b. Com constituinte alçado portador de informação inferível

e:: eu vejo tam(b)ém alunos que apanham dos pais... que os pais... às vezes num/ num tem uma conversa... acha que se batê(r) vai resolvê::(r)... ou num sei... às vezes a criança parece que num Ø tem limite nenhum... e fala que o pai bate... então às vezes eu penso que o pai bate... pra impor um limite que ele não impôs... que ele num impo/ num impôs antes quando as crianças eram pequenas

(AC-116)

(25)

AOS

a. Com constituinte alçado portador de informação dada

muita das vez a pessoa fala –“(num é isso aqui não)”– fala pra mim... falo – “mas... como que você::... éh:: desse jeito éh:: cê num tem experiência num sei que tem”– [Doc.: ((risos))] urutago... já viu urutago?

Doc.: já::

Inf.: então... urutago é difícil do cê vê ele... [Doc.: uhum] lá no meio da seringue(i)ra eu achei um que tinha/

Doc.: ele conhece o ⁸³[campo] ⁸³[Inf.: é] dele

(AC-063)

b. Com constituinte alçado portador de informação inferível

Doc.: M. éh:: cê tava me falan(d)o que cê sabe fazê(r) bolo num é?

Inf.: geralmente as coisa que eu faço eu faço tudo por receita ¹[a única coisa que eu lembro mais como é que se faz]

Doc.: ¹[cê pode me ensiná(r) como é que?]

Inf.: a única coisa que eu lembro mais como que e faz é o... um bolo... de brigade(i)ro que geralmente (eu fiz) vária vezes... e eu lembro de alguma coisa... a última vez que eu tentei ensiná(r) pra alguém eu esqueci um ingrediente muito importante que eu também não lembro qual é que é...

[Doc. e Inf.: ((risos))] o bolo... era um bolo de chocolate né?... de brigadeiro... ele vai:... geralmente farinha é complicado falá(r) quanto vai... a receita fala que vai três copos mas eu coloco até:: ele ficá(r) cremoso...

(AC-050)

Como se pode constatar, nos dados do *cópus*, constituintes portadores de informação nova nunca intervêm em construções com alçamento. Ser portador de informação dada ou inferível, no entanto, não impele o constituinte a um tipo específico de alçamento; apenas contribui para sua caracterização mais prototípica: a de ser, na grande maioria dos casos, informação dada para ambos os tipos de alçamento.

A topicalidade, por consequência, a forma como o Falante estrutura o fluxo da informação parecem ser fatores delimitantes para o Alçamento. Se tomamos como pressuposto a noção de que o Alçamento é um fenômeno morfossintático, cuja motivação reside na Pragmática, há de se considerar que, na codificação morfossintática dos enunciados, constituintes mais tópicos no discurso multiproposicional tendem a ocupar posições mais à esquerda, sendo, portanto, alçados, topicalizados ou deslocados para essa posição. Nesse sentido, retomando a proposta de Givón (2001b), ao relacionar a topicalidade com a recorrência de um referente em determinado trecho do discurso multiproposicional, há de se considerar sua importância temática, demarcada pelo estatuto informacional assumido por esse referente no discurso, o que significa dizer que SNs que empacotam informações novas dificilmente (senão improvavelmente) serão alçados, situação que decorre da propriedade natural do sujeito de ser informação dada, já conhecida (propriedade que também é a do tópico). O Alçamento, portanto, é um tipo de construção de marcação de tópico.

A relevância tópica do constituinte alçado em uma porção do discurso também é fator definitório do fenômeno, como exemplificado em (26).

(26) Relevância tópica do constituinte alçado ao longo do discurso multiproposicional

Tópico discursivo: os passarinhos como alerta de perigos na mata

Inf.: um passarinho... o/... a pessoa tem que prestá(r) atenção no passarinho... [Doc.: uhum] *um passarinho te avisa do seu* (inint.)... ⁷²[do perigo... do perigo] ⁷²[Doc.: sim:... verdade] o::cê escutô(u) um::... *um joão-de-barro* brabo cê escutô(u) um *anu* cê escutô(u) um::... *quero-que::ro* um *pica-pa::u*... um *tiu*/

Doc.: é algum perigo

Inf.: alguma ⁷²[coisa tem] ⁷²[Doc.: por perto] por ali... ⁷³[Doc.: quando ele se sente ameaçado ele/] ⁷³[muitas das vez] muitas das vez/ *eles* vê né?... *eles* vê [Doc.: aham]... então muitas das vez ocê escuta cê tem que prestá(r) atenção (num tá)... tá lá... pode sê(r) uma *seriema*... [Doc.: uhum] porque *seriema* eles num::... *seriema* acaba com tudo tam(b)ém

Doc.: acaba? eu já vi passando ⁷⁴[por aqui]

Inf.: ⁷⁴[filhote] de passarinho o⁷⁵[vo (depois)]

Doc.: ⁷⁵[é:: eu já vi] bastante *seriema*

Inf.: *eles* (a)caba com tudo... então *eles* se sente ameaçado [Doc.: uhum] então *ele* viu começa... ⁷⁶[fazê(r) barulho] ⁷⁶[Doc.: uhum]... cê vê::... procura... analisá::(r) e coisá(r) porque se você dá uma bobeadada é o que eu te falo... dá uma bobeadada uma *cobra* um::... um *tamanduá*:: um::... uma *onça* talvez que TÁ coRRIda de algum fogo da cana [Doc.: uhum] ou:: *o tamanduá* é:: um absurdo... a força que ele tem é um absurdo [Doc.: uhum] é medonho... ele é lerdo mas é::... ⁷⁷[é terrível] ⁷⁷[Doc.: é forte né?] e as unha dele é isso aqui óh ((mostra com as mãos))... se ele batê(r) a unha n'ocê... ele não solta... ⁷⁸[Doc.: *ele é perigoso*] ⁷⁸[ele não solta] então éh... um rastro no caminho que você vai in(d)o trabalhá(r) cê tem que... tê(r) a noção se é um rastro de... por exemplo... de meia ho::ra de uma ho::ra::... de madrugada::da:: mais:: na meia noite então cê tem que tê(r) a noção porque ⁷⁹[se você] ⁷⁹[Doc.: uhum] passá(r) ali... você vê um rastro::... d'um bicho d'um animal... que passô(u) ali dentro de dez minuto... ele tá por ali... [Doc.: então tá perto né?] depende pra ⁸⁰[onde você vai] ⁸⁰[Doc.: uhum]... ele está por ali porque dentro de dez minuto ele num ⁸¹[anda muito] ⁸¹[Doc.: uhum]... ele andô(u) a noite inte(i)ra... e:: que nem *a onça lá que eu vi*... o rastro dela... se ela continua baten(d)o ali... direto... passan(d) ali... então a morada dela é ai por perto... só que não ela veio ela pegô(u) o tatu... co/ levô(u) o tatu... lá onde ela se/ ela num se sentia ameaça::da comeu ⁸²[o tatu] ⁸²[Doc.: come::u]... saiu e foi embora... [Doc.: uhum] depois daquela vez ela passô(u) mais uma vez [Doc.: uhum::] então... é uma cois/... o(u)tra coisa tam(b)ém tem a pessoa (ainda aí)... muita das vez a pessoa fala –“(num é isso aqui não)”– fala pra mim... falo –“mas... como que você::... éh:: desse jeito éh:: cê num tem experiência num sei que tem”– [Doc.: ((risos))] *urutago*... já viu *urutago*?

Doc.: já::

Inf.: então... *urutago* é difícil do cê vê *ele*... [Doc.: uhum] lá no meio da seringue(i)ra eu achei um que tinha/

Doc.: *ele* conhece o ⁸³[campo] ⁸³[Inf.: é]dele

Inf.:... e eu achei *um*... de dia de noite cê num vê Ø escuta o ⁸⁴[canto] ⁸⁴[Doc.: é] de dia não... eu achei *um*... no meio da serigue(i)ra... apesar... todo mundo foi lá vê... e eu vi *ele* na seringue(i)ra eu falei –“*esse bicho* tá chocan(d)o”– devido o tipo que ele fica:: cê tem que tê(r) a noção né? [Doc.: uhum]... eu falei –“*esse bicho* tá so/ tá chocan(d)o”– dentro de Uma... uma ou duas semana... eu vi a pena *dele*... estufada assim... *ele* choca no pau né?...

ele num faz ninho [Doc.: ah:: tá ((espantada))] então *ele* bota o ovo o pau tá aqui *ele* fica ⁸⁵[assim] ⁸⁵[Doc.: uhum] *ele* bota o ovo e fica ali cra/ o ⁸⁶[(inint.)] ⁸⁶[Doc.: olha] *ele* e o ovo ali... [Doc.: no::sa] ((risos)) é:: aí o fiotinho vai nascen(d)o [Doc.: hum] e *ele* fica ali o fiotinho fica ali... e conforme ele vai crescen(d)o **ele** vai fican(d)o/ *ele* fica ali... [Doc.: não sabia] aí eu peguei... e falei pra eles... eles foram tudo mundo lá vê(r)... queria tirá(r) foto queria chamá(r)... a Rede Globo pa ((risos)) (inint.) é pa filmá::(r) e... a T.V. Tem e tê tê tê... e cê vai ven(d)o:: e *os fiotinho* vai crecen(d)o crecen(d)o eu falei –“olha *ele* tá com fiote...(inint.)”– eles foram lá deba(i)xo... olharam a árvore e não conseguiram vê *ele*... PRA eles... que nunca tinha ⁸⁷[visto fiote] ⁸⁷[Doc.: uhum] eles moraram no sítio né? [Doc.: uhum] eles nunca viu pra ele era um pau... a ponta d’um pau

No desenvolvimento do tópico discursivo “os pássaros como alerta de perigo na mata”, o informante apresenta diversas retomadas do SN *passarinhos* e dos animais perigosos (*perigo*), o que constrói um *script* mental, no qual a introdução de determinados referentes nominais no discurso faz com que eles sejam inferíveis no contexto, como é o caso dos nomes de passarinhos (*joão-de-barro, anu, quero-quero, pica-pau, seriema, urutago*) que alertam para o perigo e dos animais perigosos (*cobra, tamanduá, onça*).

No transcorrer do discurso multiproposicional, a seleção do SN *urutago*, inferível no contexto comunicativo, por ser um tipo de pássaro, faz com que, ao ser retomado na construção com alçamento, seja uma informação dada (já evocada no discurso e, agora, retomada como tópico discursivo da porção textual que se segue). A própria construção com alçamento é uma avaliação de um estado de coisas (*ver urutago*) por parte do informante, o que reforça, mais ainda, a noção de que o SN alvo de alçamento é tópico no discurso e relevante para a construção tópica.

Considerações Finais

O estatuto informacional do constituinte alçado mostrou que a única restrição é a de que constituinte alçado portador de informação nova está excluído do fenômeno de alçamento. No entanto, verificamos que “ser portador de informação dada” é característica prototípica de constituinte tanto na posição de sujeito quanto na de objeto. Ao mesmo tempo, informação tanto inferível quanto dada contribuem para a identificação da relevância tópica do constituinte alçado ao longo do discurso multiproposicional, o que se explica pela propriedade tópica que constituinte assume na construção do tópico discursivo de que ele participa.

A topicalidade parece ser fator suficiente para determinar o Alçamento. Se tomamos como pressuposto a noção de que o Alçamento é um fenômeno morfossintático, cuja motivação reside na Pragmática, há de se considerar que, na codificação morfossintática dos enunciados, constituintes mais tópicos no discurso multiproposicional tendem a ocupar posições mais à esquerda, sendo, portanto, alçados, topicalizados ou deslocados para essa posição. Nesse sentido, retomando a

proposta de Givón (2001b), ao relacionar a topicalidade com a recorrência de um referente em determinado trecho do discurso multiproposicional, há de se considerar sua importância temática, demarcada pelo estatuto informacional assumido por esse referente no discurso, o que significa dizer que SNs que empacotam informações novas dificilmente (senão improvavelmente) serão alçados, situação que decorre da propriedade natural do sujeito de ser informação dada, já conhecida (propriedade que também é a do tópico). O Alçamento, portanto, é um tipo de construção de marcação de tópico.

O Tópico, como função pragmática, teria, no Alçamento, um processo da codificação morfossintática, por meio do qual a linearização do SN alçado seria, sintaticamente, uma construção de tópico marcado, o que nos faz supor que a topicalização seria um fenômeno pragmático superordenado que inclui tipos e subtipos de alçamentos.

Obviamente, cada fenômeno não se realiza aleatoriamente, mas segundo determinadas regras e condicionamentos sintático-semânticos, que consideram a valência dos constituintes até a determinação dos papéis semânticos. Se tomamos, por exemplo, a forma de expressão da oração, a Topicalização pode ocorrer com orações independentes ou subordinadas, mas o Alçamento ocorre apenas com orações subordinadas – o que indica uma restrição morfossintática para o fenômeno.

O Alçamento apresenta restrições quanto a sua ocorrência, seja para o tipo de constituinte alçado, seja para a oração que instancia o fenômeno. Para além dos aspectos morfossintáticos, construções com Alçamento, na literatura, são também concebidas como resultantes de parâmetros semânticos (e.g., o tipo semântico do predicado matriz) e de um processo pragmático de topicalização. Propomos, então, que essas construções seriam bem mais um subtipo de construção de tópico, do que meramente um outro tipo de fenômeno. Nesse sentido, a Topicalização seria um fenômeno mais amplo que englobaria construções com focalização, com topicalização, com deslocamento à esquerda, com alçamento, entre outros. Portanto, constituintes alçados seriam codificados nos limites de P^I , como apresenta (27), contraparte não-alçada, e (28), construção com alçamento, conforme proposta de descrição da GDF.

(27)	P^I	P^M	P^F					
				P^I	P^{I+1}	P^M	P^F	
	(Cl _i :[(Vp _i)	(Cl _j :[(Gw _i)	(Np _i)sujeito	(Vp _j)	(Np _j)] (Cl _j))sujeito] (Cl _i)
		parece		que	os professor	prepara	tudo	

(28) P ^I	P ^M	P ^F					
			P ^I	P ^{I+1}	P ^M	P ^F	
(Cl _i :[(Vp _i)	(Cl _j :[(Gwi)	(Np _i)sujeito	(Vp _j)	(Np _j)] (Cl _j))sujeito] (Cl _i)
os professor	parece		que		prepara	tudo	

Notas

¹ Ao final de cada ocorrência extraída do cópulus, identificamos o tipo de amostra (AC, amostra censo, ou AI, amostra de interação) e o número do inquirido de onde o dado foi extraído.

² Glosas utilizadas neste exemplo: COP (verbo cópula); COMP (complementizador); NZN (nominalização); GEN (genitivo).

³ Nos termos de Li e Thompson (1976), caracteriza uma língua com proeminência de Tópico.

Referências

ANDRADE, G. S. **Investigação funcionalista do Alçamento de constituintes argumentais à posição de sujeito**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto. 2016.

CHAFE, W. L. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics and point of view. In: LI, C. N. (ed.) **Subject and Topic**. New York: Academic Press, 1976. p. 27-55.

DIK, S. C. Raising in functional grammar. **Lingua** 47, sl, 1979, p.119-140.

DIK, S. C. **Studies in functional grammar**. London: Academic, 1981.

DIK, S. **The theory of functional grammar the structure of the clause**. Dordrecht: Foris, 1989.

GARCIA VELASCO, D. Raising in functional discourse grammar. In: MACKENZIE, J. L.; OLBERTZ, H. (ed.) **Casebook in Functional Discourse Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2013. p. 249–276.

GIVÓN, T. **Syntax: an introduction**. v.1. Philadelphia: John Benjamins, 2001a.

GIVÓN, T. **Syntax: an introduction**. v.2. Philadelphia: John Benjamins, 2001b.

GONÇALVES, S. C. L. **Banco de dados Iboruna: amostras de fala do interior paulista**. Disponível em . 2007.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1994.

HANNAY, M.; CARO, E. M. Last things first: a FDG approach to clause-final focus constituents in Spanish and English. In: GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. de los A.; MACKENZIE, J. L.; ÁLVAREZ, E. G. (org.) **Languages and Cultures in Contrast and Comparison**. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2008. p. 33-68.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional discourse grammar: A typologically based theory of language structure**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HENRIQUES, F. P. **Construções com verbos de alçamento: um estudo diacrônico**. 112f. Dissertação (Mestrado em Linguística). 2008. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

KATO, M. A.; MIOTO, C. **A inexistência de sujeitos oracionais**. Laços, Rio de Janeiro, 2000. p. 61-90

LANGACKER, R. W. Possession and possessive constructions. In: TAYLOR, J. R.; MACLAURY, R. E. (org.) **Language and Cognitive Construal of the World**. Oxford: Clarendon Press, 1995. p. 51-79.

LI, C. N.; THOMPSON, S. Subject and topic: a new typology of language. In: LI, C. N. (org.) **Subject and Topic**. New York: Academic Press. 1976.

MARTINS, A. M.; NUNES, J. Raising issues in Brazilian and European Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**, Lisboa, v. 4, n. 2, 2005. p. 53-77.

NOONAN, M. Complementation. In: SHOOPEN, T. (ed.) **Language typology and syntactic description: complex constructions**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 52-150, 2007 [1985].

PONTES, E. **O tópico no português brasileiro**. Campinas: Pontes, 1987.

POSTAL, P. M. **On Raising**. One rule of English grammar and its theoretical implications. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1974.

PRINCE, H. F. **Toward a taxonomy of given-new information**. In: COLE, P. (org.) **Radical Pragmatics**. New York: Academic Press, 1981.

SERDOBOL'SKAYA, N. Towards the typology of raising: a functional approach. In: ARKHIPOV, A.; EPPS, P. (eds.) **New challenges in typology**. V. 2. s/l: Mouton de Gruyter, 2008.

Para citar este artigo

ANDRADE, Gustavo da Silva. A ordenação não canônica de constituintes e a expressão de tópico em português: o caso específico do alçamento de constituintes argumentais. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 7, n. 3, p. 726-756, set.-dez. 2018.

O autor

Gustavo da Silva Andrade é doutorando e mestre em Estudos Linguísticos pela Unesp/São José do Rio Preto (2016). Graduou-se em Licenciatura em Letras (Português/Espanhol) pela Unesp/São José do Rio Preto (2013), e em Licenciatura em Letras (Português/Francês) pela Unesp/São José do Rio Preto.